

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

LUCRÉCIA MARTINS DE SOUZA
MILENA MAURA MACENA DA PAZ
TUANE KETILLE LINS DE SOUZA

**O papel da enfermagem no cuidado a mulheres privadas de liberdade
com baixa produção de leite**

RECIFE/2025

**LUCRÉCIA MARTINS DE SOUZA
MILENA MAURA MACENA DA PAZ
TUANE KETILLE LINS DE SOUZA**

**O papel da enfermagem no cuidado a mulheres privadas de liberdade
com baixa produção de leite**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC II do
Curso de Bacharelado em Enfermagem
do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos
para conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Me. Carlos Henrique
Tenório Almeida do Nascimento

RECIFE
2025

**LUCRÉCIA MARTINS DE SOUZA
MILENA MAURA MACENA DA PAZ
TUANE KETILLE LINS DE SOUZA**

**O PAPEL DA ENFERMAGEM NO CUIDADO A MULHERES
PRIVADAS DE LIBERDADE COM BAIXA PRODUÇÃO DE LEITE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Orientador – Me. Carlos Henrique Tenório Almeida do Nascimento

Examinador 1 – Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____ Data: ____/____/____

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus, pela força, coragem e sabedoria concedidas em cada etapa desta caminhada, iluminando nossos passos mesmo nos momentos de incerteza.

Às nossas famílias, em especial aos nossos pais, irmãs e àqueles que sempre acreditaram em nosso potencial, oferecendo apoio em todos os momentos.

E, de forma especial, dedicamos também a nós mesmas, pela resiliência, fé e determinação diante das dificuldades. Entre lágrimas, medos e superações, permanecemos firmes, acreditando que, com esforço e esperança, tudo valeria a pena.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, fonte de força, esperança e luz em todos os momentos dessa jornada. Foi pela Sua graça que conseguimos superar os desafios e alcançar mais essa conquista.

Manifestamos nossa profunda gratidão às nossas famílias, que nos apoiaram incondicionalmente, ofereceram amor, incentivo e compreensão nos momentos de cansaço e incerteza. Cada palavra de apoio, cada gesto de carinho e cada abraço nos impulsionaram a seguir firmes diante das dificuldades.

Agradecemos também aos nossos amigos e irmãos de caminhada, que nos motivaram em momentos de fraqueza e compartilharam conosco sonhos, lágrimas e vitórias. A presença e o estímulo de cada um foram essenciais para que não desistíssemos.

Somos igualmente gratas aos nossos professores e orientadores, que, com dedicação e sabedoria, nos guiaram nesse percurso de formação. Cada ensinamento deixado por vocês será carregado conosco por toda a nossa trajetória profissional.

Deixamos um agradecimento especial à nossa coordenadora, Wanuska Portugal, que sempre esteve disponível para nos orientar, apoiar e nos incentivar a acreditar em nosso potencial. Sua dedicação, seu carinho e sua firmeza foram fundamentais para que hoje pudéssemos celebrar esta conquista.

Este trabalho representa muito mais do que a conclusão de uma etapa: é a realização de um sonho, a celebração da persistência e da fé em dias melhores. Que esta seja apenas uma das muitas vitórias que a vida ainda reserva para nós, agora, futuras enfermeiras, apaixonadas por aquilo que escolhemos ser.

“A maior forma de amor é o serviço altruísta. Quando nos dedicamos ao cuidado do outro, especialmente daqueles que sofrem, refletimos o verdadeiro propósito da vida e a compaixão que Deus deseja ver em cada um de nós”.

Billy Graham

RESUMO

O aleitamento humano é um processo fundamental para a saúde e o desenvolvimento do bebê, além de proporcionar benefícios físicos e emocionais para a mãe. Entretanto, a baixa produção de leite, conhecida como hipogalactia, constitui uma das principais causas do desmame precoce e está frequentemente associada a fatores fisiológicos, emocionais e sociais. No contexto prisional, essa dificuldade é agravada pelas condições de vulnerabilidade, estresse, isolamento e ausência de suporte profissional adequado, tornando o processo de amamentação ainda mais desafiador. Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica desenvolvida a partir de artigos publicados entre 2020 e 2025, que abordam o papel da enfermagem na assistência a mulheres privadas de liberdade com baixa produção de leite. Os resultados apontam que a enfermagem exerce papel essencial ao oferecer escuta ativa, acolhimento e orientações técnicas voltadas à manutenção do aleitamento humano, fortalecendo o vínculo mãe-bebê e reduzindo os impactos da hipogalactia. Verificou-se também que o cuidado humanizado e educativo prestado por enfermeiros é determinante para garantir a continuidade da amamentação, mesmo em ambientes marcados por privações e limitações estruturais. Conclui-se que a atuação da enfermagem é indispensável para a promoção do aleitamento humano e para a preservação dos direitos materno-infantis em contextos de vulnerabilidade social.

Palavras-Chaves: Aleitamento humano, Enfermagem, Mulheres privadas de liberdade, Hipogalactia, Cuidado humanizado.

The role of nursing in caring for incarcerated women with low milk production.

ABSTRACT

Human breastfeeding is a fundamental process for the health and development of the baby, in addition to providing physical and emotional benefits for the mother. However, low milk production, known as hypogalactia, is one of the main causes of early weaning and is often associated with physiological, emotional, and social factors. In the prison context, this difficulty is exacerbated by conditions of vulnerability, stress, isolation, and lack of adequate professional support, making the breastfeeding process even more challenging. This study is a literature review based on articles published between 2020 and 2025 that address the role of nursing in assisting incarcerated women with low milk production. The results indicate that nursing plays an essential role in offering active listening, support, and technical guidance aimed at maintaining breastfeeding, strengthening the mother-baby bond, and reducing the impacts of hypogalactia. It was also found that the humanized and educational care provided by nurses is crucial to ensuring the continuity of breastfeeding, even in environments marked by deprivation and structural limitations. It is concluded that nursing is indispensable for promoting breastfeeding and preserving maternal and child rights in contexts of social vulnerability.

Keywords: Human breastfeeding, Nursing, Women deprived of liberty, Hypogalactia, Humanized care.

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Materiais e Métodos	12
3. Resultados e Discussão.....	12
3.1 Importância do aleitamento humano	12
3.2 Aleitamento humano no contexto prisional	13
3.3 Fatores associados á baixa produção de leite em mulheres encarceradas	14
3.4 O papel da enfermagem no cuidado á amamentação em mulheres privadas de liberdade.....	14
3.5 Barreiras enfrentadas em unidades prisionais para o aleitamento humano	15
3.6 Intervenções de enfermagem no sistema prisional para mulheres com baixa produção de leite ..	16
4. Conclusões	17
5. Referências	17

1. Introdução

O aleitamento humano desempenha um papel essencial nos primeiros meses de vida do bebê, sendo fundamental para a saúde tanto da criança quanto da mãe. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em conjunto com o Ministério da Saúde (MS), recomenda que o aleitamento humano seja exclusivo até os seis meses de vida, por ser suficiente para garantir a adequada nutrição e fortalecer o sistema imunológico do recém-nascido, favorecendo o aumento da imunidade, o ganho de peso e o fortalecimento do vínculo afetivo entre mãe e filho¹.

Além de ser indispensável para o desenvolvimento infantil, o leite humano contém todos os nutrientes e energia necessários para o crescimento saudável da criança. Pesquisas demonstram que bebês amamentados de forma exclusiva até os seis meses, ou por períodos mais longos, apresentam maiores níveis de hemoglobina e menores índices de morbidade e mortalidade por infecções. O leite humano também oferece benefícios imunológicos e nutricionais que fortalecem as defesas do bebê, prevenindo doenças comuns nos primeiros anos de vida. Além disso, o aleitamento está associado à redução da mortalidade infantil e da obesidade, bem como a benefícios de longo prazo, como melhor desenvolvimento cognitivo e prevenção de doenças crônicas².

Os benefícios da amamentação também se estendem à mãe, trazendo vantagens físicas e emocionais. Mulheres que amamentam têm menor probabilidade de desenvolver doenças e apresentam maior estabilidade emocional. Outros aspectos positivos incluem a redução do sangramento pós-parto, menor risco de infecções, diminuição da ansiedade e da depressão pós-parto, aumento da autoestima e menor incidência de câncer de mama, ovário e diabetes³.

Contudo, apesar dos inúmeros benefícios do aleitamento humano, muitas mulheres enfrentam dificuldades durante esse processo, sendo a baixa produção de leite (hipogalactia) uma das principais razões para o desmame precoce⁴. Diversos fatores podem influenciar a produção de leite, como a falta de experiência, intervalos longos entre as mamadas, estresse materno, insuficiência de informações e preparo, além de aspectos emocionais, sociais e da ausência de apoio profissional e familiar⁵.

O contexto social exerce forte impacto sobre o processo de amamentação, especialmente entre mulheres em situação de vulnerabilidade. No caso das mulheres privadas de liberdade, essas dificuldades tornam-se ainda mais intensas, pois, além das barreiras emocionais e estruturais próprias do cárcere, o aprisionamento frequentemente implica no enfraquecimento dos vínculos familiares, na ruptura do contato com os filhos e na limitação do acesso aos serviços de saúde⁶.

Além disso, estudos apontam que muitas mulheres privadas de liberdade vivenciam dificuldades específicas relacionadas à produção de leite humano. O ambiente prisional, marcado por estresse constante, insegurança e ausência de suporte adequado, interfere diretamente na lactação e pode levar à hipogalactia ou à interrupção precoce do aleitamento. Pesquisas realizadas em presídios brasileiros evidenciam que essas mulheres, além de lidarem com a privação de liberdade, enfrentam sentimentos de angústia, medo e solidão, fatores que afetam o equilíbrio emocional e comprometem a liberação de hormônios responsáveis pela produção láctea. Soma-se a isso a falta de locais apropriados para amamentar e a carência de profissionais capacitados para oferecer acompanhamento contínuo, o que agrava o quadro de vulnerabilidade materna e infantil dentro das prisões⁷.

Essas condições comprometem diretamente a continuidade do aleitamento humano e podem agravar os quadros de hipogalactia, uma vez que o estresse, o isolamento e a ausência de apoio adequado fragilizam a experiência da maternidade no ambiente prisional. Dessa forma, é necessário compreender que a amamentação no cárcere não deve ser vista apenas como um ato biológico, mas também como um direito humano que precisa ser garantido, valorizando a atuação da enfermagem como mediadora essencial nesse processo⁶.

Nesse cenário, a atuação da enfermagem torna-se indispensável. O enfermeiro é o profissional que acompanha a mulher em diferentes fases da gestação, parto e pós-parto, oferecendo tanto suporte

técnico quanto apoio emocional. No sistema prisional, essa assistência assume ainda maior relevância, já que muitas gestantes e lactantes privadas de liberdade apresentam vulnerabilidades físicas, sociais e psicológicas que comprometem a experiência da maternidade e da amamentação. Cabe à enfermagem garantir cuidados humanizados, promover educação em saúde, estimular a prática do aleitamento, facilitar o acesso a consultas de pré-natal e pós-parto, além de defender os direitos dessas mulheres e de seus filhos. Assim, o enfermeiro atua não apenas como cuidador, mas também como mediador de direitos e promotor da equidade em ambientes marcados por desigualdades⁸.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar o papel da enfermagem no cuidado a mulheres privadas de liberdade com baixa produção de leite, destacando estratégias e orientações que possam contribuir para a superação das dificuldades enfrentadas nesse processo e para a preservação dos direitos materno-infantis.

2. Material e Métodos

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica, com o objetivo de compreender o papel da enfermagem no cuidado a mulheres privadas de liberdade com baixa produção de leite. A coleta dos materiais foi realizada no período de fevereiro a outubro de 2025. A revisão permitiu reunir informações já disponíveis sobre o tema, facilitando a compreensão dos principais fatores envolvidos e das estratégias utilizadas pelos profissionais de enfermagem nesse contexto.

As buscas foram realizadas em bases de dados científicas reconhecidas, como a SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PubMed (National Library of Medicine) e Google Acadêmico, por serem fontes confiáveis e amplamente utilizadas em pesquisas da área da saúde.

Foram incluídos artigos publicados entre 2020 e 2025, a fim de garantir que os dados fossem atualizados e relevantes para a prática da enfermagem. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos disponíveis na íntegra, publicados em português, inglês ou espanhol, que abordassem temáticas relacionadas ao aleitamento humano, à baixa produção de leite e à atuação da enfermagem nesse processo.

Foram excluídos da análise os artigos repetidos em diferentes bases, publicações fora do período proposto, documentos incompletos ou que não tratassem diretamente do tema da pesquisa. Após a aplicação dos critérios de seleção, seguiu-se uma sequência metodológica composta por: leitura exploratória, leitura seletiva com escolha dos materiais que mais se adequavam aos objetivos do estudo, leitura analítica, seguida de análise crítica dos textos, finalizando com a leitura interpretativa e a redação do conteúdo apresentado nos capítulos seguintes.

3. Resultados e Discussão

3.1 IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO HUMANO

O leite humano é reconhecido mundialmente como o alimento mais completo para o recém-nascido, pois contém todos os nutrientes, vitaminas, carboidratos, gorduras, proteínas e minerais em proporções adequadas. Além disso, possui fatores imunológicos e anti-inflamatórios que protegem contra diversas doenças infecciosas, como diarreia e pneumonia. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em conjunto com o Ministério da Saúde (MS), recomenda que a amamentação seja iniciada nas primeiras horas de vida e mantida de forma exclusiva até os seis meses, podendo ser complementada com outros alimentos adequados até os dois anos de idade ou mais⁹.

Na sua composição, o leite humano apresenta cerca de 87% de água, 3,8% de gordura, 1,0% de proteína e 7% de lactose, fornecendo toda a energia e hidratação necessárias para o crescimento e desenvolvimento do bebê. Durante a amamentação, sua composição sofre alterações para atender às necessidades nutricionais do bebê. Inicialmente, é produzido o colostro, um leite mais líquido, de aspecto claro e rico em proteínas, com função imunológica essencial. Posteriormente, ocorre a transição para o leite maduro, de aspecto esbranquiçado e consistente, contendo maior concentração de lipídios, responsáveis pelo ganho de peso da criança¹⁰.

Além da proteção imunológica, estudos comprovam que a amamentação traz efeitos positivos a longo prazo, reduzindo o risco de doenças crônicas na vida adulta, como diabetes, hipertensão, obesidade e dislipidemias¹¹. Crianças amamentadas por períodos mais longos também apresentam melhor desempenho cognitivo e desenvolvimento neurológico¹². Outro ponto importante é o fortalecimento do vínculo materno-infantil e a contribuição para o bem-estar emocional¹¹.

Os benefícios do aleitamento humano não se restringem apenas à criança, mas também se estendem à saúde da mãe. A amamentação contribui para recuperação no período pós-parto, favorecendo a involução uterina, reduzindo o risco de hemorragias e prevenindo a anemia. Além disso, atua como método contraceptivo natural devido à amenorreia lactacional, diminuindo as chances de uma nova gestação precoce. Mulheres que amamentam por períodos prolongados apresentam menor risco de desenvolver câncer de mama e ovários, osteoporose, diabetes tipo 2, e doenças cardiovasculares, além de relatarem melhora no humor e redução dos sintomas de depressão pós-parto¹³.

3.2 ALEITAMENTO HUMANO NO CONTEXTO PRISIONAL

No contexto prisional, a relevância do aleitamento humano torna-se ainda mais evidente, visto que mulheres privadas de liberdade geralmente enfrentam condições de saúde fragilizadas, ambientes insalubres e ausência de acompanhamento adequado. Esses fatores podem comprometer a gestação, o parto e o processo de amamentação. Dados do sistema penitenciário brasileiro mostram que, apenas no primeiro semestre de 2022, havia 164 gestantes e 93 lactantes presas, além de 791 crianças vivendo com suas mães nas unidades de amamentação. Esses números evidenciam a necessidade de ampliar os serviços de saúde e garantir acompanhamento contínuo da enfermagem, a fim de assegurar o direito dessas mulheres e de seus filhos à maternidade protegida¹⁴.

Pesquisas apontam que a experiência da maternidade no cárcere é marcada por sentimentos de fragilidade, tristeza e medo, sendo comum a possibilidade de separação precoce do binômio mãe-bebê logo nos primeiros meses de vida. Muitas vezes, essa separação gera instabilidade emocional e insegurança, afetando diretamente o vínculo afetivo e o processo de amamentação. Além disso, as condições estruturais precárias das prisões intensificam esse sofrimento, tornando indispensável o apoio da equipe de enfermagem na promoção de cuidados humanizados e no fortalecimento do aleitamento humano, mesmo diante das vulnerabilidades impostas pelo encarceramento¹⁵.

Embora o Brasil possua legislações que buscam proteger o direito à maternidade e ao aleitamento, como a Lei de Execução Penal, a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente, a realidade mostra que essas garantias nem sempre são efetivadas. Pesquisas apontam que, mesmo com respaldo legal, muitas mulheres desconhecem seus direitos, o que contribui para a interrupção precoce da amamentação. Além disso, normas institucionais rígidas e a falta de estrutura adequada dentro das prisões geram barreiras para o sucesso do aleitamento, aumentando o estresse e a vulnerabilidade emocional das lactantes privadas de liberdade¹⁶.

Outro aspecto relevante é a forma como o sistema de saúde prisional, muitas vezes, lida com essas mulheres. Pesquisas indicam que profissionais tendem a valorizar mais os aspectos biológicos do cuidado, como o corpo físico e o crescimento da criança, deixando de lado as demandas emocionais da mãe. Essa visão limitada pode intensificar sentimentos de abandono e insatisfação, já que o suporte

emocional é fundamental tanto para a manutenção da produção de leite quanto para o bem-estar materno-infantil. Nesse sentido, o aleitamento humano deve ser compreendido como um direito humano que precisa ser garantido mesmo em situações de privação de liberdade¹⁵.

No ambiente prisional, esse cuidado assume uma dimensão ainda maior, uma vez que muitas mulheres vivem em situação de vulnerabilidade, expostas ao estresse, à ansiedade e à ausência de suporte familiar. Assim, a presença da enfermagem representa não apenas assistência técnica, mas também suporte emocional e social, ajudando a reduzir os impactos negativos do encarceramento na experiência da maternidade¹⁵.

3.3 FATORES ASSOCIADOS À BAIXA PRODUÇÃO DE LEITE EM MULHERES ENCARCERADAS

A hipogalactia, caracterizada pela baixa produção de leite, é uma das principais causas do desmame precoce, sendo frequentemente relatada por mães em diferentes contextos. Entre os fatores associados, destacam-se ansiedade, estresse, parto prematuro e a separação entre mãe e bebê¹⁷.

A lactogênese é um processo fisiológico que tem início por volta da vigésima semana de gestação e se estende até o puerpério. Estudos indicam que a falha na sua evolução, especialmente o atraso da lactogênese II conhecida como descida do leite pode comprometer o início da amamentação e desencadear a hipogalactia precoce. Entre as condições que favorecem esse atraso estão obesidade, cesariana, primiparidade, parto prematuro e experiências de estresse durante o trabalho de parto¹⁸.

No entanto, quando se trata do ambiente prisional, os desafios se intensificam. A ausência de locais adequados para a prática da amamentação é um dos fatores mais relatados. Apesar de existirem leis e políticas que asseguram a permanência mãe-bebê, muitas unidades não oferecem espaços apropriados. O ambiente barulhento, insalubre e conflituoso, comum nas prisões, compromete o conforto materno e dificulta a continuidade do aleitamento, favorecendo o desmame precoce¹⁹.

Outro obstáculo é a separação precoce entre mãe e filho, prática frequente em unidades prisionais, geralmente antes dos seis meses de vida. Essa ruptura provoca sentimentos de angústia, tristeza e insegurança, prejudicando a produção de leite. Isso ocorre porque a ocitocina, hormônio essencial para a ejeção láctea, depende de estímulos emocionais positivos, os quais são inibidos por situações de estresse, depressão e ansiedade, comuns entre mulheres privadas de liberdade¹⁹.

Além disso, dificuldades relacionadas à pega incorreta do bebê também podem comprometer o aleitamento. Quando a sucção é ineficaz, seja por má posição ou por condições anatômicas como mamilos planos ou invertidos, podem surgir dor, ingurgitamento e até mastite. Esses problemas reduzem o estímulo necessário para manter a produção de leite e, em presídios, tendem a ser agravados pela carência de acompanhamento técnico imediato e contínuo, reforçando o risco de desmame precoce²⁰.

3.4 O PAPEL DA ENFERMAGEM NO CUIDADO À AMAMENTAÇÃO EM MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE

A atuação da enfermagem no sistema prisional vai além da assistência clínica, pois envolve acolher e apoiar mulheres em um contexto marcado por vulnerabilidade e privações. O ambiente carcerário, frequentemente caracterizado por condições estruturais precárias, isolamento social e falta de suporte emocional, representa um desafio adicional à saúde materno-infantil. Nesse cenário, o enfermeiro assume papel essencial na promoção de um cuidado humanizado, fortalecendo o vínculo mãe-bebê e oferecendo apoio emocional, psicológico e educativo, capazes de reduzir os impactos negativos do encarceramento sobre a amamentação e o bem-estar das lactantes²¹.

O cuidado da enfermagem deve se iniciar ainda no pré-natal, por meio de orientações que esclareçam dúvidas, desmistifiquem crenças e incentivem a prática da amamentação. Essas ações preparam a gestante e contribuem para diminuir inseguranças que podem surgir no pós-parto. Já no momento do nascimento, o enfermeiro desempenha papel fundamental ao estimular a primeira mamada na primeira hora de vida, fortalecendo o vínculo entre mãe e filho e prevenindo dificuldades futuras no aleitamento. O acompanhamento no alojamento conjunto e após a alta hospitalar garante suporte contínuo à mãe, seja no manejo de complicações físicas, como fissuras e ingurgitamento, ou no acolhimento de suas fragilidades emocionais²².

Além do cuidado clínico, a enfermagem deve estar preparada para lidar com as especificidades emocionais e sociais dessas mulheres, desenvolvendo práticas que envolvam escuta ativa, empatia e comunicação eficaz. O apoio emocional prestado pelos profissionais pode contribuir para reduzir a ansiedade e o estresse, fatores diretamente relacionados à baixa produção de leite. Assim, ao oferecer orientações sobre a pega correta, técnicas de ordenha e alternativas de amamentação, o enfermeiro atua não apenas na manutenção do aleitamento, mas também no fortalecimento da autoestima e da confiança materna²¹.

A dimensão emocional do cuidado é tão importante quanto a técnica. Muitas mulheres encarceradas chegam ao parto fragilizadas, com sentimentos de vergonha, culpa e medo da separação. Nesses casos, a escuta ativa, a empatia e o acolhimento oferecidos pela equipe de enfermagem são intervenções terapêuticas que favorecem a liberação de ocitocina e, consequentemente, a manutenção da produção láctea. Grupos de apoio, rodas de conversa e ações educativas facilitadas por enfermeiras criam espaços de confiança nos quais as lactantes podem compartilhar dúvidas, receber orientação e recuperar a sensação de competência para amamentar²³.

A enfermagem também assume um papel de articuladora e defensora, promovendo a capacitação da própria equipe tanto no domínio de técnicas quanto na comunicação e no manejo emocional. Cabe ainda atuar em parceria com a assistência social, jurídica e gestores penitenciários, a fim de viabilizar espaços adequados, visitas responsáveis e a continuidade do cuidado. Essas ações técnicas e educativas não apenas preservam o aleitamento, mas também garantem os direitos materno-infantis em um contexto marcado por diferentes barreiras e vulnerabilidades²³.

3.5 BARREIRAS ENFRENTADAS EM UNIDADES PRISIONAIS PARA O ALEITAMENTO MATERNO

A realidade do sistema prisional feminino brasileiro é marcada por condições precárias, como superlotação, falta de higiene, escassez de serviços básicos e violência física e psicológica. Esses fatores não apenas violam direitos fundamentais, mas também criam um ambiente hostil e insalubre para o exercício da maternidade. Mulheres privadas de liberdade, especialmente as que gestam ou amamentam, enfrentam diariamente situações que comprometem sua saúde e a de seus filhos, como alimentação inadequada, ausência de assistência médica contínua e falta de espaços apropriados para o cuidado materno-infantil. Tais barreiras estruturais impactam diretamente a prática do aleitamento humano, tornando-o ainda mais desafiador dentro das prisões²⁴.

Somam-se a essas falhas estruturais as marcas da violência de gênero presentes no sistema prisional, que se intensificam diante da maternidade. O encarceramento agrava a vulnerabilidade dessas mulheres, que muitas vezes são submetidas a condições desumanas em vez de receberem apoio para exercer sua maternidade de forma digna. O estigma social, aliado à ausência de compreensão das especificidades gestacionais e lactacionais, reforça a violação de direitos já assegurados legalmente, mas negligenciados no cotidiano prisional. Nesse cenário, o aleitamento humano torna-se não apenas um desafio físico e emocional, mas também jurídico e institucional, reforçando a urgência de políticas públicas que assegurem o cumprimento efetivo das normas já existentes²⁵.

Outro obstáculo significativo é a separação precoce entre mãe e filho, prática recorrente no sistema prisional. Em muitos casos, bebês são afastados de suas mães ainda nos primeiros meses de vida, causando profundo sofrimento emocional e psicológico para ambos. Essa ruptura precoce do vínculo afeta não apenas o bem-estar materno-infantil, mas também compromete o direito da criança à convivência familiar e ao aleitamento, garantido por legislações nacionais e internacionais²⁴.

Por fim, é importante destacar que a precariedade estrutural das unidades prisionais vai além da falta de espaços físicos adequados. A carência de profissionais de saúde capacitados, a dificuldade de acesso a programas de apoio psicológico e a ausência de protocolos específicos para o cuidado materno-infantil reforçam a vulnerabilidade dessas mulheres. Diante desse cenário, a enfermagem tem um papel estratégico, pois é justamente a partir de suas intervenções que se torna possível minimizar os impactos das barreiras existentes. A implementação de práticas educativas, podem transformar realidades, mostrando que, mesmo em contextos adversos, há caminhos para fortalecer o aleitamento humano no cárcere²⁴.

3.6 INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM NO SISTEMA PRISIONAL PARA MULHERES COM BAIXA PRODUÇÃO DE LEITE

A enfermagem exerce papel fundamental no cuidado a mães encarceradas, especialmente no apoio ao aleitamento humano. Sua atuação envolve intervenções clínicas, educativas e de acolhimento, orientando as mulheres e oferecendo informações que fortalecem a autoconfiança e a prática da amamentação. Além do cuidado técnico, o enfermeiro promove ações preventivas e psicossociais, com escuta ativa, apoio emocional e incentivo ao vínculo mãe-bebê. Esse cuidado humanizado contribui para reduzir sentimentos de medo, ansiedade e culpa, comuns nesse contexto, preservando a saúde mental materna. Dessa forma, a enfermagem atua não apenas na manutenção do aleitamento, mas também na promoção da dignidade e na valorização da mulher, assegurando que, mesmo em meio à vulnerabilidade, a amamentação possa ser vivida de forma mais saudável e significativa²⁶.

A equipe de enfermagem atua tanto na prevenção quanto na promoção e recuperação da saúde, sendo responsável por identificar demandas específicas e oferecer suporte adequado à mãe e ao bebê. Isso inclui desde a realização de consultas de enfermagem, rastreamento de doenças, solicitação de exames laboratoriais e encaminhamento para atendimentos especializados. Nesse sentido, entre as intervenções direcionadas ao aleitamento humano destacam-se as orientações sobre pega correta, manejo da ordenha manual e prevenção de complicações como fissuras mamárias e ingurgitamento. Essas ações técnicas são fundamentais para garantir a manutenção da amamentação exclusiva e reduzir os casos de desmame precoce. Além disso, a enfermagem pode organizar rodas de conversa, grupos de apoio e atendimentos educativos individuais, possibilitando às mulheres partilhar experiências, esclarecer dúvidas e fortalecer sua autoconfiança²⁷.

No período gestacional, a atuação do enfermeiro ganha ainda mais relevância, já que o acompanhamento pré-natal dentro do sistema prisional é um dos principais instrumentos de promoção da saúde materno-infantil. O profissional deve garantir que a gestante tenha acesso a consultas regulares, exames preventivos e orientações educativas que a preparem para o parto e a amamentação. Nesse processo, torna-se possível identificar precocemente fatores de risco, prevenir complicações e estimular práticas de autocuidado. Esse cuidado contínuo contribui para a segurança da gestante e para o fortalecimento do vínculo mãe-bebê ainda durante a gestação, criando bases mais sólidas para o aleitamento após o nascimento²⁸.

Porém, para que essas intervenções sejam efetivas, é necessário que o ambiente prisional ofereça condições mínimas de estrutura e recursos. A presença de profissionais capacitados, a disponibilidade de exames básicos e a garantia de acompanhamento sistemático da gestação e do pós-parto são fatores essenciais para que o trabalho da enfermagem alcance resultados concretos. Quando tais recursos estão ausentes, o cuidado fica limitado, aumentando a vulnerabilidade das mulheres e comprometendo tanto a prática do aleitamento quanto a saúde do bebê. Assim, além de atuar no

cuidado direto, a enfermagem também se coloca como defensora de melhores condições estruturais e organizacionais dentro das unidades prisionais, reforçando seu papel de promotora da dignidade e dos direitos materno-infantis²⁹.

Outro ponto relevante é que o enfermeiro também atua como articulador dentro das equipes multiprofissionais, promovendo encaminhamentos para a assistência social, psicologia e nutrição, de modo a construir uma rede de apoio mais ampla. Essa articulação é essencial para superar as limitações estruturais e institucionais do sistema prisional, garantindo um cuidado mais humanizado e integral. Assim, as intervenções de enfermagem ultrapassam a esfera clínica imediata e se configuram como práticas educativas, técnicas e de advocacy, que defendem o direito ao aleitamento humano e à dignidade das mulheres privadas de liberdade²⁷.

4. Conclusão

O aleitamento humano é um ato de amor, cuidado e vínculo, mas também um processo que exige suporte, orientação e acolhimento. No contexto prisional, onde a vulnerabilidade feminina se intensifica, a amamentação torna-se ainda mais desafiadora. As mulheres privadas de liberdade enfrentam condições físicas, emocionais e estruturais que interferem diretamente na produção de leite e na continuidade do aleitamento, sendo a hipogalactia uma consequência frequente da falta de apoio e das adversidades vividas no cárcere.

Diante dessa realidade, a atuação da enfermagem se mostra indispensável. O enfermeiro é o profissional que acolhe, orienta e oferece segurança à mulher em todas as etapas da maternidade, inclusive em situações de privação de liberdade. Sua presença garante não apenas o cuidado técnico, mas também o apoio emocional necessário para que a mulher se sinta capaz de amamentar, mesmo em um ambiente hostil e limitante.

Ao desenvolver práticas educativas, promover rodas de conversa, oferecer escuta ativa e lutar por melhores condições estruturais dentro das unidades prisionais, a enfermagem reafirma seu compromisso com a humanização do cuidado e com a defesa dos direitos materno-infantis. Essas ações transformam realidades, fortalecem o vínculo entre mãe e bebê e reafirmam que o direito de amamentar deve ser respeitado independentemente do contexto social em que a mulher se encontra.

Portanto, conclui-se que o papel da enfermagem vai além da técnica é também um ato de empatia, compromisso ético e justiça social. Garantir o aleitamento humano no cárcere é garantir dignidade, vida e esperança para mulheres que, mesmo privadas de liberdade, não devem ser privadas do direito de amar e nutrir seus filhos.

Por fim, destaca-se a importância de que novas pesquisas, políticas públicas e ações interdisciplinares sejam direcionadas à melhoria das condições de saúde e à ampliação do apoio à amamentação em ambientes prisionais, assegurando que o direito ao aleitamento humano seja efetivamente cumprido como parte fundamental da assistência materno-infantil no Brasil.

5. Referências

- 1- Cirilo AMF, Mangabeiro GMS, Mangabeiro GMS, Braga MJDS, Santos ACdCP. Breastfeeding import and food introduction. *Res Soc Dev*. 2022;11(15):e37510. doi:10.33448/rsd-v11i15.37510.
- 2- Parente KMT, Arcanjo FP, Sousa FLT de, Sousa RS Liberato de, Soares EB, Souza KM, et al. Aleitamento materno: benefícios para lactentes e nutrizes. *Peer Review [Internet]*. 2023 Mar [citado 2025 set 27];5(4):183-187.

- 3- Ribeiro JM, Pereira SE. Benefícios a longo prazo na saúde da mulher promovidos pelo aleitamento materno: uma revisão narrativa. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Goiânia (GO): Pontifícia Universidade Católica de Goiás; 2021.
- 4- Dias EG, Sena EPFR, Sampaio SR, Bardaquim VA, Campos LM, Araújo RA. Estratégias de promoção do aleitamento materno e fatores associados ao desmame precoce. J Health NPEPS. 2022 Jan-Jun;7(1):e6109.
- 5- Palheta QAF, Aguiar MFR. Importância da assistência de enfermagem para a promoção do aleitamento materno. Rev Eletr Acervo Enferm. 2021;8:e5926.
- 6- Pinto AVL. Mães privadas de liberdade: um olhar psicossocial sobre a maternidade [tese]. João Pessoa (PB): Universidade Federal da Paraíba; 2021 Jun 25.
- 7- Woide LK, de Barros VN, de Medeiros GQ, Haas P. Aleitamento materno no sistema carcerário brasileiro: uma revisão sistemática. Rev Neurocienc. 2024;32:1-20.
- 8- Conceição FH da, Fraga VA, Silva TC da, Terra FS, Dias NTC, Bressan VR, et al. Assistência de enfermagem às mulheres privadas de liberdade. Rev Enferm Atual In Derme [Internet]. 2023 Dec 15 [citado 2025 Sep 26];23(12):e14275.
- 9- Cabral PE, Palcich SPP, Pires BB, Benício SDC. A importância do aleitamento materno nos primeiros meses de vida. Rev Multidisc Nordeste Mineiro. 2023 Fev;2:1-19.2023 Fev;2:1-19. ISSN 2178-6925.
- 10- Andrade ACL, Souza BPB, Frutas CJ, Barreiros Júnior CR, Castro GBM, Santa Bárbara JP, et al. Os benefícios do leite materno: Uma revisão abrangente sobre a composição do leite materno, efeitos psicológicos em crianças e mães, facilitadores e barreiras na amamentação, políticas de promoção e desmame. Braz J Develop [Internet]. 2023 maio 17 [citado 2025 mar 27];9(5):16770-83.
- 11- Silva LR da, Lopes Junior HMP, Silva LG da. Amamentação exclusiva: os principais benefícios para a saúde da criança. REASE [Internet]. 27 set 2024 [citado 27 set 2025];10(9):3695-3708.
- 12- Roma LBM, Cirino SP, Salvador LDOG, Oliveira NGG. Aleitamento materno: uma perspectiva para a mãe e o bebê. Anais do Encontro de Iniciação Científica e Pesquisa das Faculdades Integradas de Jaú. 2024;(21).
- 13- Jesus EB, Mosca T, Forte WCN. Conhecimento materno sobre o papel imunológico protetor do leite materno para o recém-nascido. Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo. 2022;67:e001.
- 14- Aguiar ALS, Araújo RPR, Ramos VDS, Santos JS, Santos MJAD, Souza CS. Aleitamento materno em presídios: uma revisão literária sobre a realidade no Brasil [Trabalho de Conclusão de Curso]. São Paulo: Escola Técnica Estadual ETEC Irmã Agostina; 2022 Dez 07.
- 15- Leão ES, Acosta DF. Aleitamento materno no sistema carcerário: estado da arte. Seminário Educação e Direitos Humanos (SEDH) [Internet]. 2023 Sep 3 [citado 2025 Sep 29];1(1):140-5.
- 16- Santos MV, Alves VH, Rodrigues DP, Tavares MR, Guerra JVV, Calandrini TSS, et al. Promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno no espaço prisional: uma scoping review. Cien Saude Colet [Internet]. 2022;27(7):2689-2702.
- 17- Botelho AM. Avaliação da atividade galactagoga do extrato etanólico de Valeriana officinalis Linn e da sua fração diclorometano, em modelo experimental com ratas [dissertação]. Vitória da Conquista (BA): Universidade Federal da Bahia; 2020.

- 18- Silva BC, Janzen DC. Fatores de risco associados ao atraso da lactogênese II: revisão da literatura. *Enferm Bras.* 2023;22(5):707-20.
- 19- Silva LR, Cardoso CSF, Silva NCM. Barreiras do aleitamento materno no cárcere no Brasil: uma revisão bibliográfica do século XXI [Trabalho de Conclusão de Curso]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; 2021.
- 20- Rodrigues ÁPP, Oliveira GVA, Silva GM, Paiva LG, Magalhães LED, Oliveira VA, et al. Atuação do enfermeiro durante o aleitamento materno em uma unidade prisional do estado do Ceará [Trabalho de Conclusão de Curso]. Fortaleza (CE): Centro Universitário Ateneu; 2023.
- 21- Amaral AA, Santos VD, Felício FC de, Ribeiro WA. Ações do profissional de enfermagem no acompanhamento de gestantes no sistema prisional. *Rev Ibero-Am Humanid Cienc Educ.* 2024;1(1):98-108.
- 22- Ferreira CB, Chieppe R, Santos VAA. Assistência de enfermagem à amamentação visando reduzir o desmame precoce [Trabalho de Conclusão de Curso]. Nova Venécia (ES): Multivix – Faculdade de Nova Venécia; 2023.
- 23- Santos NDM, Barbosa NDF. Filhos do cárcere: humanização do cuidado de enfermagem com crianças que nascem no sistema prisional [Artigo Científico]. Campo Limpo Paulista (SP): ETEC Campo Limpo Paulista / Centro Paula Souza; 2024 Dec 20.
- 24- Guimarães MGBF. Maternidade no cárcere: estudo sobre condições de encarceramento de gestantes e puérperas no Brasil – 2020/2023 [Trabalho de Conclusão de Curso]. Anápolis (GO): Universidade Estadual de Goiás; 2024.
- 25- Barros JM. A violação de direitos das presidiárias, grávidas, lactantes e parturientes na perspectiva da criminologia feminista [Trabalho de Conclusão de Curso]. Goiânia (GO): Pontifícia Universidade Católica de Goiás; 2023.
- 26- Araújo JKS, Oliveira HMS, Reis LD, Silva PCP, Alves NCM, Santos BOMF, et al. O processo da amamentação intracárcere: os impasses das nutrizes e enfermeiras frente ao sistema. *Res Soc Dev* [Internet]. 2022 Dec 21 [cited 2025 Sep 29];11(17):e95111738780.
- 27- Consoni T, Oliveira TS de. Atuação do enfermeiro em uma unidade prisional na promoção da saúde da mulher [Trabalho de Conclusão de Curso]. Criciúma (SC): Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); 2022.
- 28- Sousa FO, Silva BMF, Andrade FGS, Ribeiro SZR. Assistência de enfermagem na gestação de mulheres privadas de liberdade / Nursing assistance in the pregnancy of women deprived of liberty. *Braz J Health Rev.* 2021;4(4):14781-9.
- 29- Vieira JA, Biazussi MK, Martins W. Análise da qualidade da assistência de enfermagem prestada às mulheres privadas de liberdade no ciclo gravídico. *Rev JRG* [Internet]. 2024 Nov 28 [cited 2025 Sep 29];7(15):e151678.